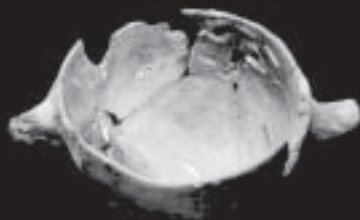


CAPÍTULO 3

A Pré-história Sergipana II

1. A CULTURA ARATU
2. A CULTURA TUPI-GUARANI
3. A CULTURA TUPI-GUARANI
EM SERGIPE



1. A CULTURA ARATU

A tradição Aratu, a partir de prospecções efetuadas nos Estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco, foi estabelecida pelo arqueólogo Valentin Calderón, integrante do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, nos anos sessenta. Prende-se tal denominação ao Sítio Arqueológico Guipe, no centro industrial de Aratu, onde Calderón efetuou salvamento arqueológico.

Datações em radiocarbono apontam para essa tradição um período de nove séculos, do IX ao XVIII (no recôncavo baiano há uma datação isolada de 400 A.D., ainda a requerer novas confirmações).

Em meados dos anos noventa Carlos Etchevarne escavou no município de Muquém do São Francisco (BA), tendo coletado mais de cem urnas funerárias, adicionando novas informações sobre a tradição Aratu, em nossa região.

A área de ocupação, a partir de novos estudos e cotejos entre os sítios arqueológicos, amplia a consideração inicial proposta por Calderón: da Bahia ao sudeste do Piauí, percorrendo faixas próximas ao litoral nordestino, bem como áreas nos Estados de Minas Gerais e São Paulo. Considera-se atualmente que a tradição Aratu estende-se por um grande território: de São Paulo ao Mato Grosso e do litoral baiano até o sudeste de Goiás.

Em Sergipe, a partir de vestígios coletados e de algumas sondagens e escavações, constata-se a presença da tradição Aratu em colinas próximas ao litoral, geralmente na encosta, tais como sítios identificados em Pacatuba, ao norte, e de Cristinápolis, ao sul.

A tradição Aratu, em Sergipe, apresenta características similares à de outros sítios prospectados no Brasil. Trata-se de

uma cultura de agricultores ceramistas, situados em grandes aldeamentos circulares localizados em elevações suaves (500 x 200 m, em alguns casos). Os sedimentos arqueológicos em índice de profundidade (60 cm) nos permitem deduzir a formação de aldeias com densidade populacional elevada e ocupações demoradas (Martin; 1997), quando comparamos com as aldeias Tupiguarani, com apenas 30 cm de sedimentos férteis em sua estratigrafia média.

As cabanas eram alinhadas ou dispostas em círculo ao redor de uma praça central, lembrando os aldeamentos Macro-gê do Brasil Central como os Kayapós e Xavantes (Prous, 1992).

Ocupavam, à época, área florestal (floresta mesófila decídua). Escolhiam como espaço topográfico para erguer suas habitações o platô de colinas, próximo a algum córrego. As sondagens e escavações efetuadas demonstram que, em Sergipe, os sítios ficam distantes de importantes rios, embora próximos de riachos afluentes.

A cultura Aratu, ao contrário da Tupi-guarani, não era de povos canoieiros, mas de caçadores-coletores em área florestal, desenvolvendo uma incipiente agricultura. Sua base alimentar, portanto, era típica de coletores silvícolas. Além do uso da mandioca, a alimentação básica, também utilizava o milho, o feijão e o amendoim. Dos vestígios e artefatos cerâmicos coletados, a ausência de pratos ou assadores levanta dúvidas sobre o aproveitamento da mandioca para se obter a farinha, segundo Prous.

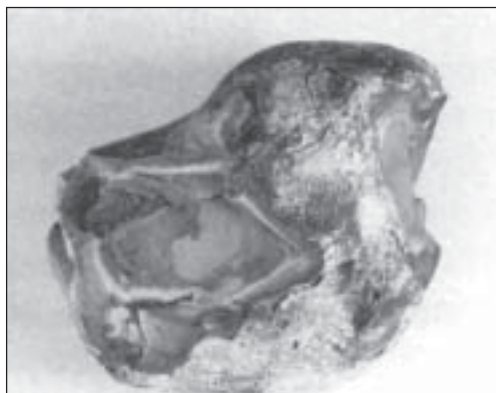
Às ocupações decorria o desmatamento (coivara), com a limpeza do terreno. Depois de quatro ou cinco anos de uso, o solo não teria mais a fertilidade primitiva, devendo repousar (sem cultivo) durante vários anos.

Quando uma aldeia crescia ultrapassando o tamanho que podia ser alimentado pela terra disponível, parte de sua popu-

lação mudava para outro local, reiniciando o processo de limpeza do terreno. Assim, depois de certo tempo haveria diversas aldeias de povos relacionados dispersas por uma grande área.

Provavelmente a cultura Aratu compreenda os genericamente conhecidos como Tapuias, expulsos de áreas mais costeiras quando da incursão Tupi, a partir do século IX, no Nordeste, citados como “andejos e tendo muitas e diferentes línguas dificultosas”, segundo Fernão Cardim (1978: 127).

O estabelecimento de uma agricultura incipiente já nos permite argumentar a transformação dos bandos, intimamente associados com a caça e a coleta, para a formação das tribos. O principal fator que levou à evolução para as tribos foi, sem dúvida, o desenvolvimento da agricultura. A transição resultou de decorrência existencial em ambiente relativamente pobre, onde os grupos humanos foram impelidos a contar, substancialmente, com as plantas selvagens como alimento e, a seguir, a experimentar métodos para o incremento artificial da produção. Sociedades maiores que os bandos, as tribos em culturas que ainda processam uma agricultura incipiente se encontram dispersas em aldeias integradas na sociedade maior por descendência ou clãs.



Núcleo de Calcedônia com lascamentos. Riachuelo/SE.

Estudos decorrentes do acervo arqueológico coletado em Sergipe, bem como, por analogia, análises efetuadas em outros sítios nordestinos da mesma tradição evidenciam algum conhecimento de suas práticas culturais.

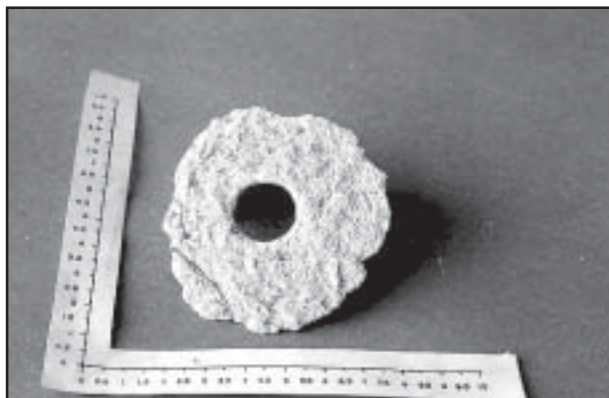
1.1 RITUAIS DE ENTERRAMENTO

“A pré-história é uma espécie de colosso-com-cabeça-de-barro que se vai tornando mais frágil à medida que se eleva da terra ao cérebro. Os pés, feitos de testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, estão bastante firmes; as mãos são já mais friáveis, uma vez que o estudo das técnicas pré-históricas está assinalado por uma larga auréola conjectural. A cabeça, essa, desfaz-se ao menor embate e frequentemente contentaram-se em substituir o pensamento do gigante decapitado pelo do pré-historiador. De maneira que, através das suas diferentes obras, o homem pré-histórico muda de personalidade religiosa e tanto é um mágico sanguinário como um pio colecionador de crânios de antepassados, bailarino lascivo ou filósofo desiludido, segundo os autores”.

LEROI-GOURHAN, 1974

Os enterramentos eram predominantemente secundários, em urnas dispostas em grupos de duas ou mais, nas aldeias. As decapagens em sítios sergipanos comprovam a coexistência de vestígios do cotidiano das aldeias junto às urnas. “Os índios não levavam os seus falecidos a um cemitério fora da aldeia, como nós costumamos fazer; mas sepultava-os no chão da própria casa como, ainda hoje, continuam fazendo os índios nhambiquaras do Mato Grosso” (Rohr S. J., 1984).

As urnas, sempre piriformes, eram tampadas com panelão e enterradas a apenas 30 cm do solo, o que tem provocado, com o uso de lâminas do arado mecânico, sua descoberta e, lamentavelmente, fracionamento. Suas dimensões médias são as de 75cm de altura por 65cm de bojo e abertura aproximada de 45cm. Tigelas menores eram empregadas para cobrir a boca dos vasilhames funerários.



Roda de fuso. Sítio Arqueológico Fortuna.
Divina Pastora/SE.

O mobiliário funerário era composto de artefatos de uso pessoal (as urnas infantis não possuem) como machados polidos (10 cm), rodela de fusos e adornos. No interior ou ao redor da urna, algumas tigelas com resíduos alimentares compunham o ritual. A presença de rodela de fuso (pedra e cerâmica) indicam a fiação de redes ou tecidos grossos.

1.2 A CERÂMICA

“Seja qual o local e a época em que se originou, a cerâmica proporcionou importante avanço tecnológico na história humana, constituindo ainda valioso veículo para o desenvolvimento da expressão estética. (...) A matéria-prima de que dispõe o ceramista pode ser modelada em grande variedade de formas, tem a superfície suave, com uma textura passível de ser modificada por desenhos ou que pode ser pintada, permitindo a expressão dos padrões estéticos do povo.”

- Shapiro (1966).

A técnica empregada para manufatura é a do acordelamento, praticamente sem decoração, tratamento alisado da superfície com engobo de grafite. As vasilhas possuem formas semi-esféricas, com bordas onduladas. As urnas funerárias, piriformes, com tampa em forma de meia esfera cobrindo a boca. Cachimbos tubulares ou em forma de funil.

Dos sítios arqueológicos da tradição Aratu estudados pela equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NPA) da UFS, destaca-se, em se considerando o quantitativo de fragmentos obtidos em decapagens, o Sítio Fortuna, em Divina Pastora.

Equipe do Museu Câmara Cascudo, coordenada pelo Prof. Dr. Vicente Tassoni com a participação do Prof. Fernando Lins de Carvalho (UFS/DCS) resgatou uma urna funerária em 1981. No interior da urna: restos humanos em enterramento secundário. Em decapagem efetuada, próximo à urna, fragmentos de cerâmica carregada, uma roda de fuso (tortual) e uma garra de animal.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO FORTUNA (Divina Pastora- SE)

1. Coordenadas Espaciais

O Sítio Arqueológico Fortuna recebe tal denominação por estar situado em uma propriedade rural (Fazenda Fortuna), no município de Divina Pastora, Sergipe. A distancia aproximada, em linha reta, entre o sítio arqueológico e a sede municipal é de 15km. Uma estrada de cascalho, saindo da sede da fazenda levamos ao sítio, localizado em um platô, um dos mais altos da região. A distância, pela estrada citada, entre o sítio e a sede da propriedade, é de 5km.

Estudos geológicos incluem a região na formação Riachuelo (Kr) do cretáceo. Esta formação é parte da bacia sedimentar (Grupo Sergipe). “Na formação da bacia predominam forças tensionais, dando origem a blocos escalonados e limitados por fichão normais, horsts, grabens e algumas estruturas dobradas” (Atlas de Sergipe, 1979).

O solo é podzólico vermelho, amarelo (PV). Tais solos são constituídos de argilas do grupo 1:1, sesquióxidos, quartzo e outros minerais resistentes.

O relevo apresenta suaves ondulações nos topos dos tabuleiros e forte ondulado nas vertentes. Entre os municípios de Divina Pastora e Siriri há uma elevação colinosa, acima de 100 metros. O sítio Arqueológico situa-se em um platô, altitude aproximada de sessenta metros, considerando-se a sede da propriedade.

A pluviosidade anual situa-se entre as médias mais elevadas do Estado: 1.250 a 1.000mm (40-30 no mês mais seco/ 250-200 no mês mais chuvoso). O regime pluviométrico, comum para todo o Estado, é do tipo “mediterrâneo”, definido por um período seco de primavera-verão e um período chuvoso de outono-inverno.

O clima é semi-úmido com a média térmica entre 24 a 26° C. A vegetação primitiva indica a presença, na área, de uma Floresta Mesófila Decídua. A comercialização da lenha, apontada na década de cinquenta como uma das principais fontes de renda (6500 m³/ano), destruiu aquela reserva florestal. Pequenos rios e riachos próximos participam da bacia hidrográfica do rio Sergipe.

2. A Coleta do Material

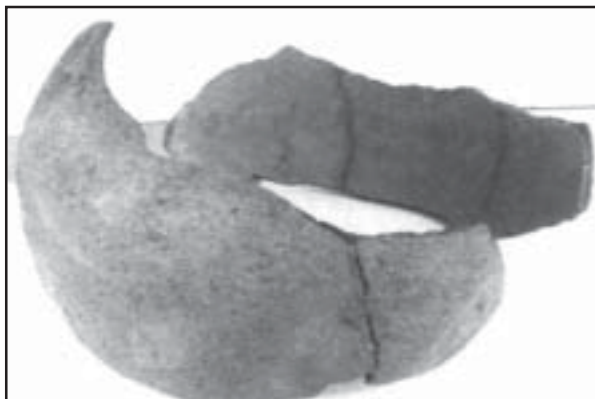
Examinando-se os restos arqueológicos de superfície, constatou-se a abundância de fragmentos cerâmicos e pouco material lítico. Foram efetuadas sondagens após a limpeza do terreno, sendo identificadas duas áreas com maior incidência de vestígios.

Na área I (18 x 12m) foram coletados 1.846 fragmentos cerâmicos de superfície e apenas 16 líticos. Foi aberta uma área de 10 x 10m, subdivididas em quadras de 1 x 1m. Adotou-se a técnica da decapagem artificial, em níveis de 10cm. No total foram resgatados 754 fragmentos cerâmicos (727 nos dois primeiros níveis) e 57 líticos (52 nos dois primeiros níveis). Os níveis artificiais foram mantidos até 60 cm de profundidade.

Na área II (14 x 9m) foram coletados 430 fragmentos cerâmicos e 11 líticos. Na área, em 1981, contando com a participação do professor Vicente Tassone, da UFRN, foi resgatada uma urna funerária.

A fragmentação da tampa de uma urna funerária proporcionou a localização desse sítio. Em superfície, constatou-se a abundância de fragmentos cerâmicos e poucos vestígios líticos. Das decapagens efetuadas, a maior incidência (96%) dos vestígios foi resgatada nos primeiros níveis artificiais (até 20cm).

Atestam, como hipótese a ser confirmada em escavação sistemática, a presença recente de grupos pré-históricos região. Grupos que fugiam do avanço Tupi pelo rio Siriri?



Tampa de urna funerária. Sítio Fortuna.
Divina Pastora/SE.

“O melhor escavador é, apesar de tudo, um vândalo que destrói seu documento ao consultá-lo”.

- LEROI-GOURHAN -

As sondagens foram efetuadas em quadras de 5X5m, subdivididas em quadriculas 1X1m.

Decapagens artificiais de 10 em 10cm, encontrando vestígios humanos até 60cm.

TIPOLOGIA CERÂMICA

	Pasta
MÉTODO DE MANUFATURA	Roletado. Em alguns fragmentos chega-se a perceber a superposição dos anéis de argila na composição das peças.
ANTIPLÁSTICO	Maior incidência da areia grossa e quartzo triturado. À superfície afloram partículas de grafita.
TEXTURA	Porosa. Com o uso de lupa percebe-se a presença de bolhas de ar, dando à pasta um aspecto áspero.
QUEIMA	Cocção incompleta. Fragmentos cerâmicos apresentam manchas escuras (preto e cinza escuro) nas superfícies, fruto da irregularidade na queima.
	Superfície
TRATAMENTO	Os fragmentos cerâmicos coletados apresentam uma superfície lisa, sem decoração. A espessura média dos cacos fica entre 0.4 a 1.2cm. A superfície é áspera, face o afloramento de alguns grânulos de quartzo, do antiplástico.
BORDAS	Predominam as bordas diretas, com lábios arredondados. Os ângulos demonstram pequena tendência à introversão nos recipientes.
FORMAS	Destacam-se os recipientes globulares ou em forma de calota, com bases cônicas e convexas.
PAREDES	Regulares, com 1cm de espessura em média, mantendo-se uniforme, da borda à base.
BASE	Equilíbrio entre as formas cônicas e convexas.

Nos anos cinquenta e sessenta artefatos da pré-história sergipana foram catalogados por José Augusto Garcez.

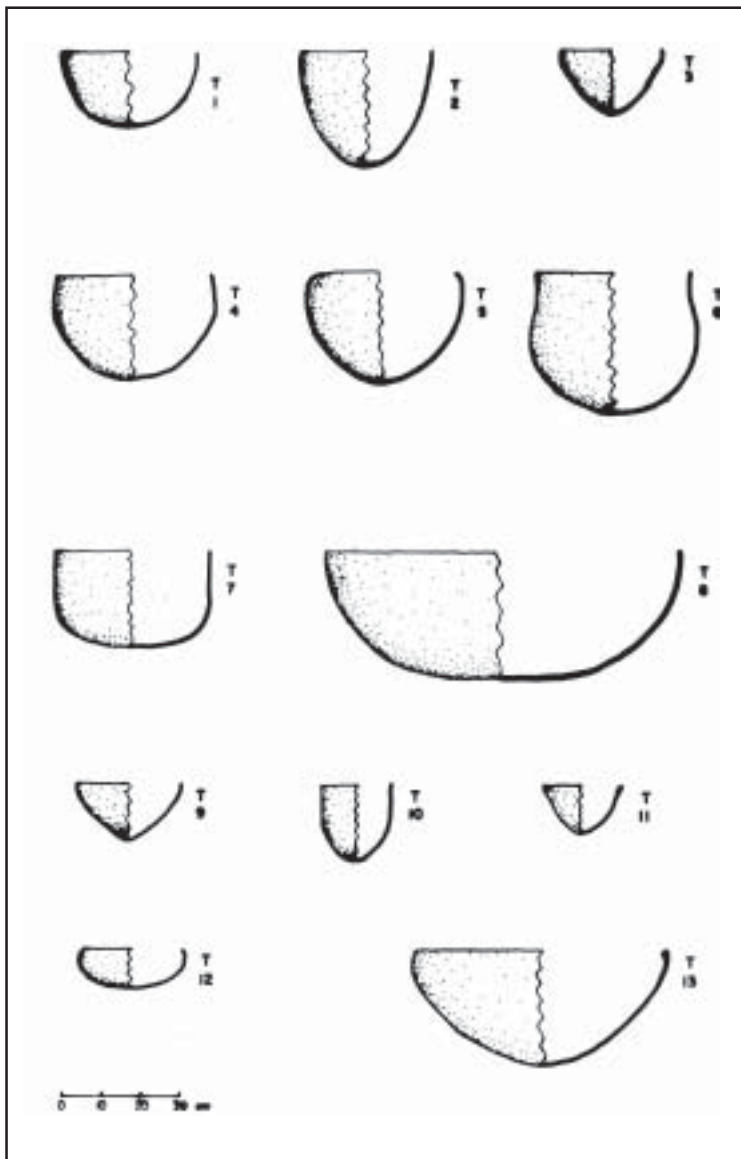


Batedor. Sítio Fortuna.
Divina Pastora/SE.

Estudos arqueológicos foram realizados em 1973 por alunos da Universidade Federal de Sergipe, sob a coordenação da professora Luiza Maria Gonçalves.



Urna Piriforme. Tradição Aratu. Sítio Caraíbas
Pedrinhas/SE.



Tipologia cerâmica. Tradição Aratu.
Sítio Arqueológico Fortuna. Divina Pastora/SE.

DESCRIÇÃO TIPOLÓGICA DO MATERIAL CERÂMICO (MORFOLOGIA)

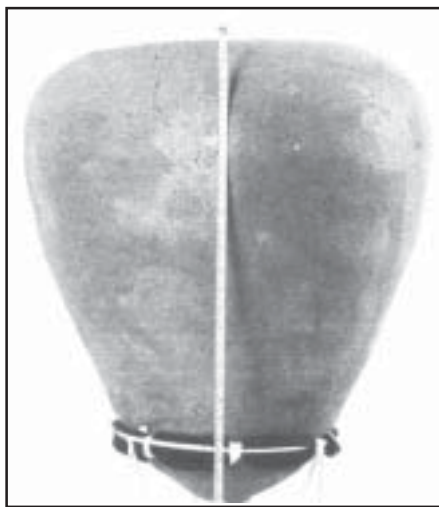
TIPO	CARACTERIZAÇÃO DO RECIPIENTE
01	em meia esfera, com base convexa, borda direta com pequena introversão, lábio arredondado, parede regular.
02	piriforme, com base cônica, borda direta, lábio arredondado, parede regular.
03	piriforme, com base cônica, borda cambada, lábio arredondado, parede regular.
04	de base convexa, borda cambada, lábio arredondado, parede apresentando redução na espessura a partir do bojo.
05	em meia esfera, com base convexa, borda cambada, inclinada internamente, parede regular.
06	globular, com base convexa, borda levemente extrovertida, vertical, mantendo a extroversão até o bojo.
07	globular com base convexa, levemente plana, borda direta e paredes verticais até metade da peça.
08	em meia calota, com base convexa, levemente plana, borda direita, lábios arredondados, paredes regulares.
09	em meia calota, com base cônica, borda expandida, lábio arredondado, parede regular.
10	cilíndrico com base cônica, borda direta, lábio arredondado, parede vertical até metade da peça.
11	piriforme com base cônica, borda reforçada externamente, lábio arredondado, parede regular.
12	em meia calota, com base convexa, levemente plana, borda introvertida, paredes regulares.
13	piriforme com base cônica, borda reforçada internamente, introvertida, paredes regulares.

TIPOLOGIA DOS RECIPIENTES

PANELA – vasilhame cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo. A abertura é constricta. USO: cozer alimentos, por meio de sua fervura em água.

TIGELA – recipiente cuja altura é igual ou menor do que o diâmetro máximo, geralmente não restringida, e o diâmetro se encontra na abertura superior.

JARRO – recipiente cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo do bojo e que apresenta constrição na parte superior, formando o gargalo. Utilizado para armazenar líquidos.



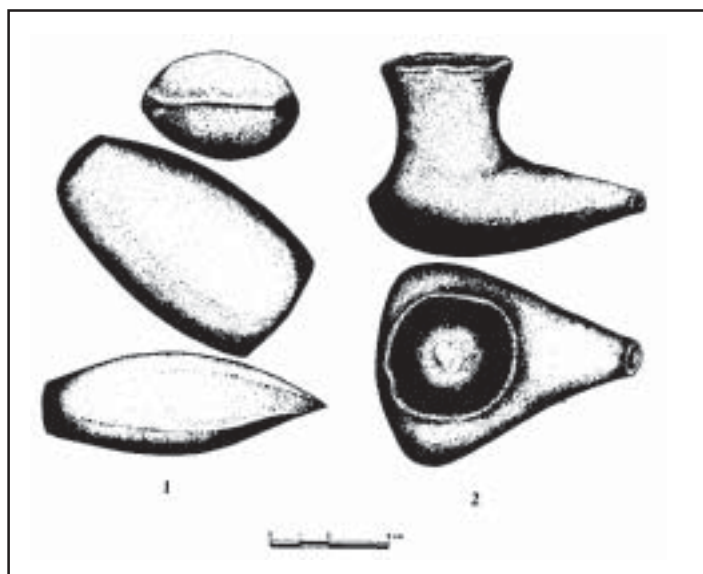
Urna funerária piriforme Tradição Aratu.
Sítio Foturna. Divina Pastora/SE.

O estudo dos fragmentos cerâmicos coletados no sítio arqueológico Fortuna apresentou, quanto à espessura, o predomínio de 0.5 a 1cm (71%) e menor incidência de paredes grossas, com mais de 2cm, em um percentual de 1.2%.

No tocante à queima, predomina a incompleta, em um percentual de 67%; já a coloração do núcleo apresentou o predomínio da cor cinza, em um percentual de 67.5% , destacadamente o cinza escuro.

Os fragmentos cerâmicos estudados exibem o estilo típico da chamada tradição Aratu. Uma urna funerária piriforme coletada no sítio reforça a hipótese levantada.

Os cachimbos coletados no sítio têm a parte inferior do forninho alargada e achatada, como uma espécie de pires.



Lâmina polida de Machado (1)
e Cachimbo (2)

O MATERIAL LÍTICO

No Sítio Fortuna não houve escavação sistemática. Apenas sondagens para a delimitação da área, perfil tipológico e potencial do sítio. Foi efetuada também uma coleta superficial, obtendo-se a coleta de artefatos líticos.



Lâmina Polida de machado. Sítio Fortuna.
Divina Pastora/SE.

O material coletado aguarda por uma análise sistemática, o que permitirá uma adequada classificação tipológica. O acervo apresenta, predominantemente, lascas, núcleos, batedores e bigornas. Rodelas de fuso discoidais, feitas de calcário e lâminas polidas de machado (granito) também foram resgatados do sítio arqueológico.

Nos anos oitenta, o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Sergipe identificou, a partir de um mapeamento arqueológico do Estado, a presença de sítios da cultura Aratu nos municípios de Frei Paulo, Riachuelo, Divina Pastora, Pacatuba, Santa Luzia do Itanhi, Pedrinhas e Cristinápolis.

Do material lítico resgatado em sondagens predominam artefatos polidos em diabásio, arenito e diorito (lâminas de machado), instrumentos lascados de quartzo e outros, com ou sem retoques (lasca diversas para cortar ou raspar).

2. A TRADIÇÃO TUPI-GUARANI

Sobre a problemática da origem e dispersão Tupi-guarani, Brochado (1984) propõe duas direções de migrações do paleoíndio, a partir de um nicho original amazônico: os guarani teriam utilizado os rios Madeira e Guaporé em direção ao sul, espalhando-se ao atingir o rio Paraguai; a outra corrente migratória, dos Tupinambá acompanhava o rio Amazonas até a sua foz e, alcançarem a costa, seguiram em direção ao sul.

A última expansão cultural pré-cabraliana no litoral brasileiro foi, efetivamente, a Tupi-guarani. A coesão e similitudes culturais entre os diversos aldeamentos na costa brasileira lastreiam a hipótese de uma ocupação recente, quando da presença europeia, no século XVI.

Ainda são poucas as datações em radiocarbono e termoluminescência a partir de vestígios tupis que permitam um quadro delineado das migrações. No Rio de Janeiro, há datação no século X (980 ± 100 DC) e, no Nordeste, no século IX (800 ± 65 DC).

O arqueólogo J.P. Brochado (1973) propõe uma periodização para a tradição Tupi-guarani.

Datação (a.d.)		Denominação	Períodos
Início	Término		
-	500	Início da Tradição	Pré-Histórico
500	900	Período Arcaico	
900	1300	Período Médio	
1300	1500	Período Tardio	Histórico
1500	1800	Período Colonial	
1800	1900	Período Atual	

A presença Tupi-guarani no Nordeste brasileiro dá-se no período médio (900-1300), com as primeiras ondas migratórias que introduziram a subtradição pintada na cerâmica. A segunda onda migratória deu-se no período tardio (1300 a 1500), responsável pela introdução da subtradição corrugada na cerâmica pré-histórica nordestina Tupi-guarani.

A hipótese mais aceita para a migração corresponde a deslocamentos do Sul para o Norte, a partir da bacia do Paraná – Paraguai, onde os Tupis e os Guaranis se separaram.

Hábéis canoieiros, os Tupis utilizaram o curso das bacias hidrográficas próximas ao litoral, para sua expansão. Quando da presença portuguesa, no século XVI, já ocupavam extensa faixa do litoral, desde o Iguape até a costa do Ceará.

Apenas em alguns pontos do litoral havia outros grupos como os Goitacás (foz do rio Paraíba), os Aimorés (norte do Espírito Santo e sul da Bahia) e os Tremembés (entre o Ceará e o Maranhão). Tapuia era um termo genérico empregado para os não-Tupis. A ocupação total do litoral nordestino seria consolidada até o início do século XIII.

Com a incursão dos Tupis, as culturas então situadas no litoral, na Mata Atlântica, como as da tradição Aratu, fugiram para o interior ou foram dizimadas pelos invasores. Aqueles grupos, denominados genericamente como Tapuias passam a ocupar o agreste e o sertão nordestino, como os Kariris, os Prokás e Pankakarus. A diversidade lingüística daqueles grupos comprovam uma presença mais antiga e a coexistência em pontos mais distantes e que, tangidos pelo avanço Tupi, passam a ocupar áreas no interior.

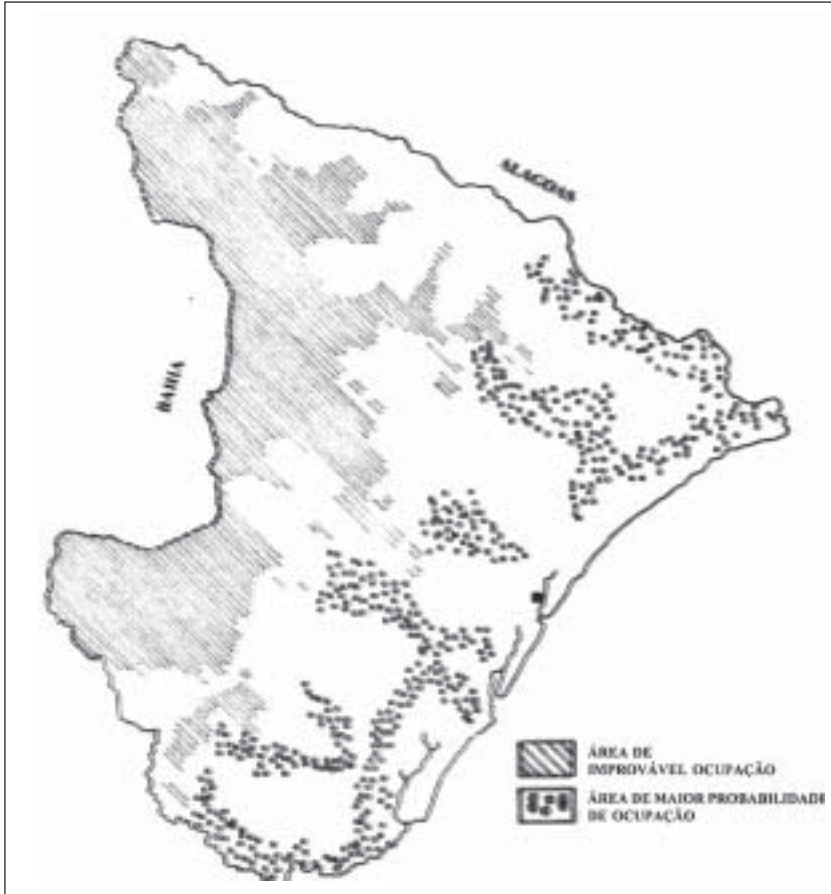
Uma segunda hipótese para as migrações dos Tupis, a partir da interpretação de dados arqueológicos, é a de que a elas tenham vindo da Amazônia, onde os Proto-guaranis e Tupis se teriam dividido: os primeiros, pela bacia fluvial no Guaporé,

provavelmente tenham se deslocado em áreas interiores do Continente e os segundos, descido do litoral entre os séculos VII e IX desta era.

Em qualquer hipótese, a separação Tupi-guarani teria ocorrido há apenas um milênio e meio e a presença Tupi no litoral nordestino, há apenas pouco mais de um milênio.

A arqueologia constata que os Tupis não se estabeleciam em regiões secas e em terras frias. Procuravam edificar suas aldeias em terrenos baixos (até 400 metros acima do nível do mar) e próximos de rios navegáveis. Sempre são encontrados a curta distância de rios navegáveis e em zonas de mata. Esses indícios devem ser seguidos para a localização dos sítios arqueológicos Tupis (procuravam as matas). No Nordeste, portanto, territórios secos e serrados e caatingas eram repudiados pelos hábeis canoieiros e guerreiros.

A interpretação das condições naturais do Estado de Sergipe, incorporando-se, para tal, a isometria, pluviosidade, temperatura, hidrografia e vegetação, permite-nos, como hipótese a ser confirmada pelas escavações posteriores, situá-los geograficamente. Evidentemente que as áreas preferenciais foram as revestidas pela floresta mesófila, decídua e semi-decídua, eliminando-se a caatinga. O arqueólogo Marcos Albuquerque tem questionado essa distribuição espacial restrita, afirmando que, em Pernambuco, sua ocupação ocorreu em todo o Estado: do mangue à restinga e da mata ao semi-árido. Nessa área serão priorizadas as terras menos elevadas, próximas a importantes rios utilizados sistematicamente na intercomunicação das aldeias. As bacias do São Francisco, Japaratuba,, Sergipe, Vasa-Barris, Piauí e Real, nos pontos considerados, foram priorizadas, em tese.



Os Tupi em Sergipe. Hipótese de ocupação

Em nosso litoral e zona da mata situavam-se os Tupinambás, uma das nações Tupi estabelecida no nordeste do recôncavo baiano, à foz do rio São Francisco.

Os Tupinambás que ocupavam o litoral do Estado de Sergipe no século XVI constituíam-se em aproximadamente trinta aldeias. Correspondência do provincial Ignácio Toloza (1575), ao relatar a missão de Gaspar Lourenço, registra aspectos etnográficos dos Tupinambás.

2.1 A MORADA TUPINAMBÁ. (Levantamento Etno-antropológico)

As aldeias ocupavam preferencialmente a parte superior da encosta de morros que dominavam um rio navegável (distância máxima de um quilômetro). Permaneciam de cinco a seis anos em um mesmo local. A área de ocupação ficava entre 250 a 400 m² para as pequenas e até 10.000 m² para as maiores. A distribuição espacial das habitações era geralmente de forma circular ou ovulada, ao redor de uma praça central. Na praça, havia um espaço livre destinado às festas, aos rituais e reuniões. A média populacional dos aldeamentos Tupis situava-se entre 500 a 3.000 índios. É expressiva, quando comparada com os aldeamentos contemporâneos.

Estudos etnohistóricos permitem um suficiente conhecimento das aldeias e das casas tupinambás.

As aldeias situavam-se em uma clareira, próximas de um regato, formando um círculo. Na metade da praça, uma grande construção orientada em seu eixo longitudinal. Ao redor, oito malocas em posições e distâncias irregulares, distribuídas de forma tal que uma não devassasse a outra. Em volta da aldeia e entre as casas, troncos serviam de assento. O livro de Hans Staden (Ed. de Bry) mostra uma aldeia Tupinambá com cinco casas, formando uma praça interior pentagonal. Os valorosos guerreiros construía abrigos para passar a noite, quando em excursão guerreira ou viagem. Fincavam quatro postes que sustentavam um teto de ramos e folhas de palmeira (Métraux, 1928:50).

“Ora, parece-nos que a casa de moradia referida por Baldus apresenta notável similaridade com aquelas, exercendo a mesma função, encontramos entre os Tupinambá e outros

grupos Tupi. (...) São construídas, em determinadas épocas do ano, por grupos de famílias que as ocuparão, conduzidas pelos seus chefes.



A aldeia de Ubatuba, onde Hans Staden está no meio da dança das mulheres. “Viagens do Brasil”, 1557.

Por volta do mês de agosto, durante a parte da manhã, os homens cortam a madeira anteriormente escolhida, bem como as folhas de helicônia e palmeira, com as quais fazem o revestimento e também a embirra necessária para as amarrações da estrutura.

Ao entardecer, transportam o material necessário para a aldeia. Entre quatro a cinco horas da tarde dão início à construção, fazendo os buracos no solo, onde serão fincados os esteios da casa. Estes constituem três alinhamentos longitudinais paralelos, eqüidistantes cerca de 2,75 m. Cada alinhamento constitui igual quantidade de esteios, fincados a intervalos variáveis de 3 a 4 metros. Os esteios extremos distam entre 1 a 1,30 m dos demais, incluídos nos respectivos alinhamentos. O central possui cerca de 3,80 m de altura e ambos os laterais 1,60 m, terminando todos em forquilha, sobre as quais são encaixados e amarrados os frechais, unindo ambos os alinhamentos laterais de esteios ao alinhamento central. Sobre os travessões, duas longarinas são amarradas ladeando o alinhamento de esteios centrais. Outras quatro longarinas ficam presas, duas a duas, logo abaixo da cumeeira, distando delas, ao chão, cerca de 3,20m de altura.

Varas flexíveis e compridas constituem os caibros que, fincados ao solo – entre os esteios laterais, a uma distância variável de 30 e 50 cm – devem ser fletidos e amarrados sobre os frechais e a cumeeira. Sobre tais caibros são presas as ripas. Tomando-se os lados maiores da construção, logo acima dos frechais, costuma-se prender aos caibros, grampos de um metro de comprimento, a intervalos de cerca de um metro. As partes inferiores dos referidos grampos ficam livres para serem interligadas por tiras torcidas de embira. O revestimento é colocado por cima da estrutura, prendendo-se, entre a cumeeira e as longarinas, os talos das folhas de helicônia. Suas extremidades pendentes passam sob a embira torcida, interligando as pontas inferiores dos grampos. Sobre as folhas de helicônia coloca-se uma camada de folhas de palmácea amarrada entre si sobre a cumeeira. Outra camada de folhas de palmeira é presa entre os frechais e as ripas, sendo que suas extremidades pendentes to-

cam o solo. Nova camada de folhas de helicônia é então colocada. O fechamento da parte menor do retângulo é feito com as folhas de helicônia e palmeira em camadas superpostas, em posição perpendicular ao solo.

As moradias podem apresentar uma a três portas. Uma delas se situa na fachada de maior dimensão, voltada para a praça; e as outras duas são abertas, de preferência, nas fachadas mais estreitas, podendo sê-lo, entretanto, em qualquer outra fachada” (Costa e Malhano, 1986).

A presença de chefes para as malocas Tupinambás e que participavam de um conselho da tribo nos leva à conjectura de laços clânicos orientando a distribuição espacial dos grupos na aldeia.

Os antigos Tupinambás acreditavam num par de gêmeos, oriundos de pais diferentes. Tais gêmeos míticos eram identificados como o sol e a lua.
MÉTRAUX, 1950

2.2 OS SEPULTAMENTOS

Realizados fora das habitações, mas nas imediações, ainda no plano de ocupação da aldeia. Os enterramentos eram efetuados em urnas funerárias, com quantitativos que demonstram uma maior fixação na região. Por possuírem forma similar à dos grandes potes para a fermentação de bebidas, são chamados de *igaçabas* (vasos para água, em Tupi). As urnas são carenadas e com bojo mais largo que a altura.

O mobiliário no sepultamento consta de objetos de uso pessoal como machados polidos e tembetás.

Entre os Tupi-guaranis do litoral, o rito da incineração foi comum, como registra Gabriela Martin (1997).

A descrição de práticas funerárias tupinambá de enterramento em urnas é apresentada pelo cronista Fernão Cardim: “depois de morto o lavam e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuia no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levam de comer (...)”. (Cardim, 1980:94)

2.3 A CERÂMICA

A tradição Tupi-guarani tem sido estudada a partir de sítios arqueológicos localizados ao longo da costa e mata atlântica do Nordeste. Mais recentemente já tem sido evidenciada em regiões da caatinga. Talvez resultante de grupos expulsos da região da zona da mata.

No Nordeste brasileiro poucos sítios arqueológicos da tradição Tupi-guarani foram escavados e as notas prévias resultantes desses trabalhos ainda não permitem maiores conhecimentos sobre essa tradição.

Característica marcante da cultura Tupi-guarani é a decoração policrômica encontrada nas peças e fragmentos resgatados. São traços lineares, vermelhos, sobre fundo engobado.

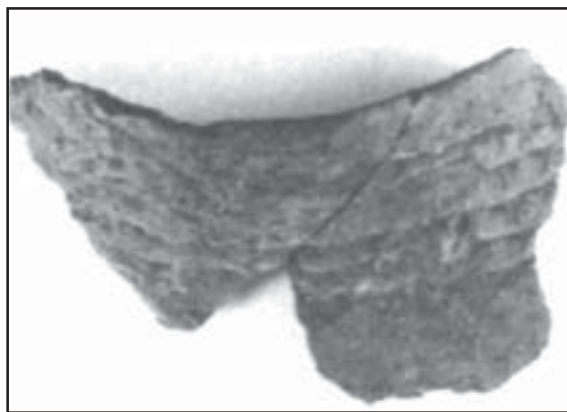
A decoração pintada inclui diversos padrões. O mais popular consiste em linhas finas e faixas mais largas em vermelho e ou castanho, desenhadas sobre um fundo pintado de branco ou creme. A pintura pode ter sido aplicada tanto na superfície externa quanto interna das vasilhas, mas se observa que a pintura é mais comum externamente nas formas fechadas e inter-

namente nas formas abertas. A presença mais recente da cerâmica Tupi-guarani no litoral Nordeste é a das sub-tradições corrugada e escovada.

3. A CULTURA TUPI-GUARANI EM SERGIPE

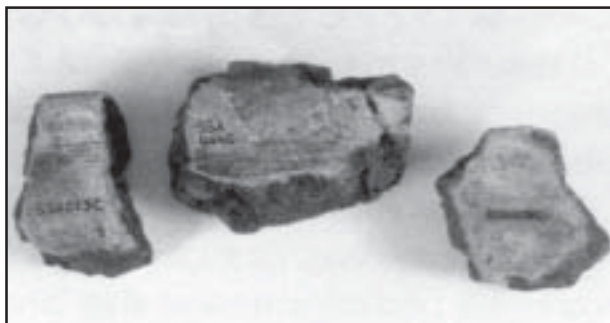
Das escavações e sondagens efetuadas em sítios arqueológicos sergipanos, apenas em um, Sítio Arqueológico Machado, em Pacatuba, foram identificados vestígios da tradição.

O Sítio Arqueológico Machado (SAM) assenta-se em um vasto platô, na confluência dos rios Poxim do Norte ou Betume com o riacho Santo Antônio, da bacia hidrográfica do rio São Francisco, no município de Pacatuba. A propriedade rural onde se situa o registro arqueológico é de propriedade do Sr. João Machado Rolemberg (Fazenda Santo Antônio), com acesso pela rodovia BR 202 (estadual), interligando os municípios de Japoatã e Pacatuba.



Cerâmica Corrugada. Tradição Tupi-Guarani
Riachuelo/SE

O SAM situa-se em superfície tabular erosiva, de formação geológica sedimentar do quaternário. Relevo plano, com leves ondulações, topografia típica dos tabuleiros costeiros.



Cerâmica Tupi-Guarani. Bordas - Sítios Machado.
Pacatuba/SE

Ainda há resíduos de floresta costeira (mesófila decídua), predominando as espécies sucupira, maçaranduba e pindaíba.

Ressalte-se que no Sítio Arqueológico Machado foram recolhidos fragmentos cerâmicos típicos da tradição Aratu e uma urna funerária foi resgatada, com as características da Aratu, desde aspectos morfológicos à composição do tempero.

Como proposta preliminar, fundamentados na tipologia, análise da pasta e antiplástico e suas similitudes com tradições já estudadas pela arqueologia brasileira e consideradas pelo PRONAPA, apresentamos a cronologia relativa para as fases Japoatã e Pacatuba:

- I Fase Japoatã: Cronologia: século IX ao XIV AD.
- II Fase Pacatuba: tradição Tupi-guarani, contatos interétnicos ocorrendo a partir do século XIV.

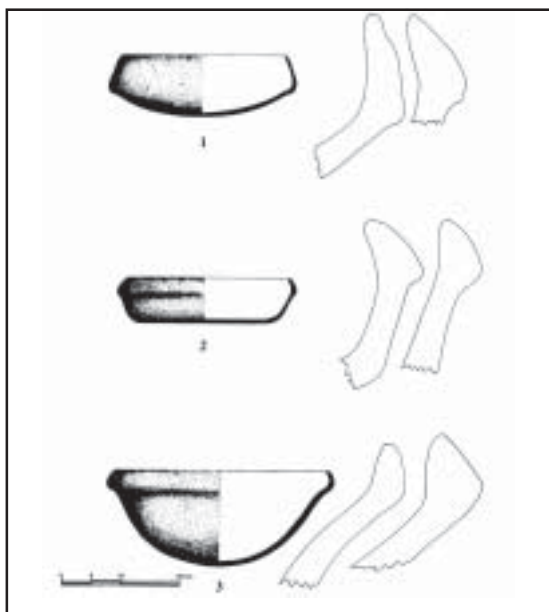
Em 1575 registros históricos noticiavam a presença de um aldeamento na região. E no século XVII, sob a chefia do cacique Pacatuba, estendia-se o domínio Tupi-guarani, do Poxim ao rio São Francisco.

O levantamento arqueológico permite a hipótese, portanto, de que os vestígios da fase Pacatuba, tradição Tupi-guarani, representem resíduos materiais daquele aldeamento.

Observação: embora a estratigrafia tenha sido comprometida pelo uso de máquinas agrícolas, os fragmentos da cerâmica fase Japoatã foram encontrados, predominantemente entre 30 a 50 cm, enquanto a cerâmica fase Pacatuba, em camada superior, de 0 a 30 cm.

3.1 SÍTIO MACHADO: TIPOLOGIA CERÂMICA

A técnica empregada para a confecção de artefatos de cerâmica é a acordelada, ou seja, a super posição de roletes ou anéis de barro, resultando, nas peças, paredes grossas em relação ao tamanho das peças. O cozimento é incompleto, técnica não dominada pelos tupiguarani, produzindo uma banda escura ou acinzentada entre os lados dos vasilhames. Os aditivos mais empregados em Sergipe são grânulos de argila e cacos moídos. A dimensão dos vasos é variável (10 a 80cm), chegando alguns alguidares a ultrapassar 1m de diâmetro. Predominam as formas abertas, baixas, fundos planos ou de discreta curvatura, com algumas bocas quadrangulares, o que também tipifica a cerâmica tupiguarani.



Sítio Machado. Tipologia Cerâmica. Tradição Tupi-Guarani.
Pacatuba/SE.

Tipo 01

Tigelas de base levemente plana, borda reforçada externamente contraída, lábios apontados, pouca abertura para o bojo. Parede mantém espessura (menor) a partir da borda, sendo praticamente formadora da base.

Tipo 02

Tigelas de base plana, borda reforçada externamente com leve contração, lábios apontados, maior abertura na borda. Parede regular mantém espessura a partir do reforço da borda.

Tipo 03

Recipiente em calota, base convexa, borda reforçada externamente, com leve contração, lábios apontados, com maior abertura na borda. Parede mantém regularidade na espessura.



Cerâmica Tupi-Guarani
Tigela. Santo Amaro/SE

No antiplástico, cacos moídos são misturados com areia. A cocção é elevada, bem acima da cultura Aratu, entre nós.

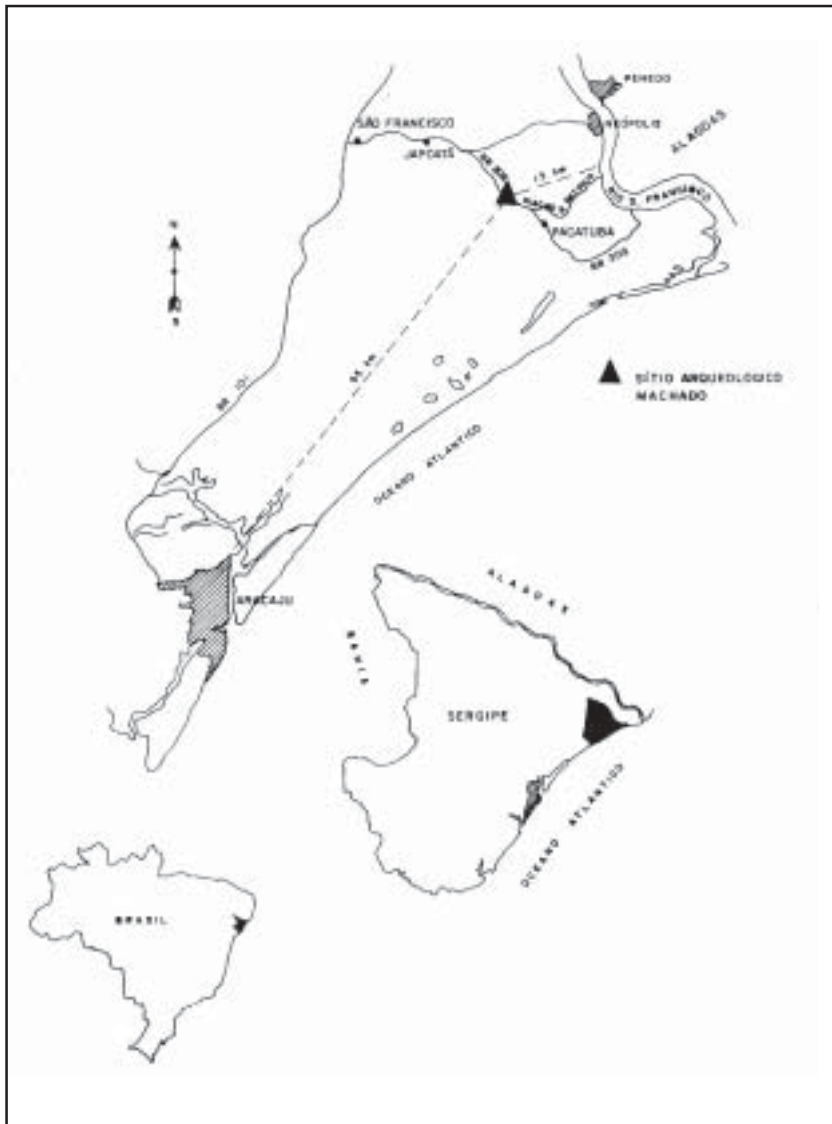
A morfologia apresenta recipientes esferóides de bordas extrovertidas, com a largura maior que a altura. As igaçabas e alguns vasos menores são carenados com bordas cambadas.

As tigelas em forma de calota de esfera e os vasos esferóides com bordas extrovertidas são comuns à tradição Tupi-guarani, não sendo diagnóstico de subtradições.

Outras peças cerâmicas muito encontradas são os cachimbos tubulares, forma considerada a mais antiga; posteriormente aparecem os cachimbos angulares.

Hans Staden, quando no cativeiro entre os Tupinambás, registrou que cabia às mulheres o fabrico das vasilhas. Selecionavam o barro e o preparavam para a confecção. A queima era feita sobre pedras e os vasos cobertos com lenha (1945).

Com uma dieta baseada na mandioca, as formas identificadas nos sítios estão ligadas ao preparo e ao consumo deste alimento, bem como para o transporte e armazenamento de água e bebidas fermentadas.

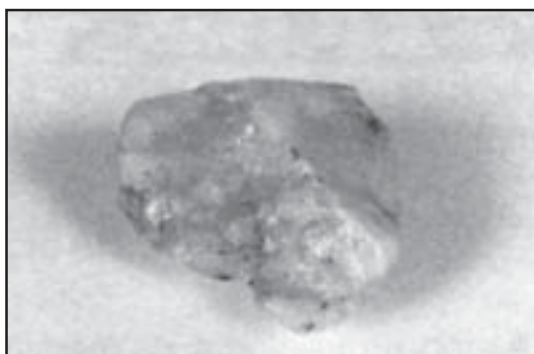


Referências Geográficas básicas do Sítio Arqueológico Machado

3.2 O LÍTICO

Morando preferencialmente na floresta, os Tupi-guarani utilizaram mais a madeira que a pedra, resultando em uma incidência lítica pequena. Registrou-se apenas a presença de lascas em maior número. Destacam-se os Tembetás (adornos labiais), os percutores, polidores, afiadores e machados polidos.

Como matéria-prima, o sílex, o quartzo e a calcedônia. As lascas foram obtidas por lascamento direto e bipolar.

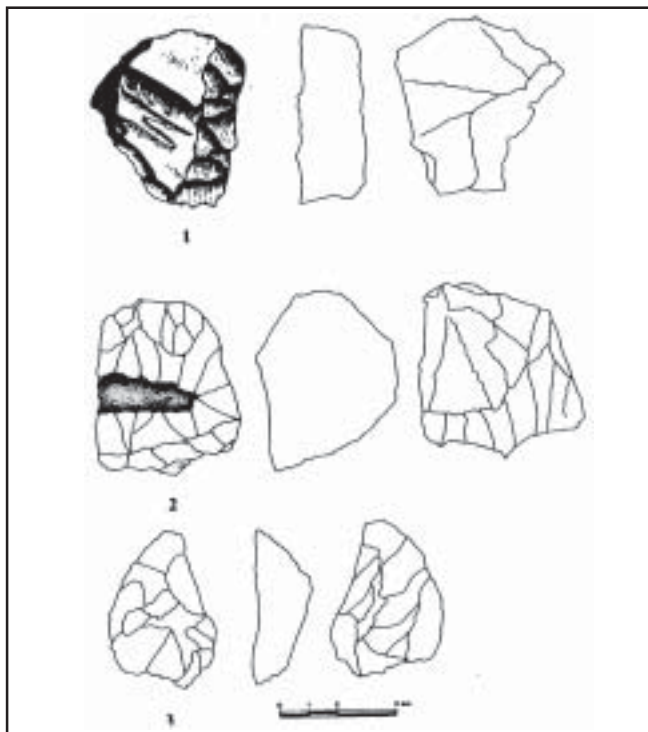


Raspador lateral - Quartzo
Santo Amaro/SE

TIPOLOGIA LÍTICA TUPI-GUARANI NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACHADO

1. Lasca utilizada. Matéria-prima: quartzo leitoso. Natureza do golpe: lascamento bipolar. Dimensões: 50mm de comprimento, 55mm de largura, maior espessura 27mm e menor espessura 18mm.

Face interna da lasca: descorticamento, quatro facetas.



Tipologia lítica. Tupi-Guarani. Núcleo e lascas.
Sítio Arqueológico Machado. Pacatuba/SE.

Sinal de uso: pequenos lascamentos de uso no lado esquerdo, talvez utilizados como raspador lateral.

2. Núcleo. Matéria-prima: sílex. Dimensões: 64mm como maior comprimento entre pontas.

Conserva pequena porção de córtex. Mostra várias facetas de lascamentos por percussão direta e não apresenta sinais de utilização posterior.

3. Fragmento. Matéria-prima: sílex. Dimensões: 53mm de comprimento, 36mm na maior largura e 19mm na maior espessura.

3.3 BASE ALIMENTAR

A etnoarqueologia, os registros efetuados por cronistas nos primeiros séculos, são ainda a maior fonte, pois os estudos arqueológicos no assunto ainda são reduzidos.

Ocupando áreas florestais e na proximidade de rios, os Tupis situavam sua cultura alimentar na pesca e caça, com maior ênfase para a primeira. A presença de alguns tipos de machado leva à aceitação da prática da coivara e à fabricação de canoas. A mandioca, pelos indícios da própria cerâmica, é um importante componente na dieta.

Os Tupis, como todas as tribos da floresta tropical, eram horticultores que faziam o rodízio das roças, prática conhecida como agricultura itinerante. Essa rotatividade, não apenas das roças como também dos campos de caça e até mesmo em aldeias, exigia uma constante reposição dos elementos de cultura material. A disponibilidade de matéria-prima era um componente importante. Este, mais um fator para a volumetria na produção cerâmica. Para coleta de moluscos, grupos deixavam a aldeia, fixando-se temporariamente nas proximidades dos bancos de moluscos, onde se instalavam em cabanas.

“As roças novas produziam em média por até quatro ou cinco anos, mas eventualmente podiam produzir por mais tempo de acordo com o solo ou com as espécies cultivadas. Isso significa que, muitas vezes, as populações podiam ter várias roças “anuais” produzindo o suficiente para a alimentação, assim como excedentes para a realização de festas e para trocas entre as aldeias. As roças, em geral, pertenciam às famílias nucleares (pai, mãe, filhos), que compunham as comunidades, cultivando unidades entre 2 a 5 hectares de área. Cada família teria em média uma unidade

de roça nova aberta por ano, mas, dependendo de interesses pessoais ou relações sociais, algumas famílias poderiam ter várias roças novas/ano. As famílias poligâmicas (homem com várias mulheres e filhos) teriam unidades de roça relativamente maiores, com 8, 10 ou mais hectares. Assim, cada família nuclear poderia, com facilidade, alcançar até 20 ou mais hectares/ano para produzir alimentos para si e para as festas e trocas (as famílias poligâmicas teriam esse aumento de modo proporcional).

Além das áreas específicas de roça, outros espaços também foram cultivados, visando a maximizar tanto a variedade como a quantidade de produção de plantas úteis ao longo do ano. Eram aproveitados os pátios das habitações, as trilhas, clareiras abertas pela queda de grandes árvores e outros nichos. Esses sistemas agro-florestais que ainda hoje são mantidos devem ter sido configurados no passado distante, com a criação da agricultura (Funari, 2001)

“As mulheres prepararam bebidas de raízes de mandioca, que cozinham em grandes potes. Depois passam para outras vasilhas e deixam esfriar. Então as moças sentam-se em redor e mastigam a mandioca e largam o mastigado numa vasilha à parte. Depois de mastigadas todas as raízes, botam a massa num pote, que enchem de água e fervem de novo.

Usam depois umas vasilhas especiais que enterram até o meio – são como os nossos tonéis para vinho. Ali despejam tudo e tapam e deixam fermentar. Fica uma bebida forte, com a qual se embebedam – muito densa e deve ser nutritiva.”

- Hans Staden (1945)

“Com a exploração prolongada de uma determinada área, também escasseavam outros recursos naturais importantes (animais, peixes, aves que forneciam penas para os enfeites, materiais para construção de malocas, etc) o que levava o grupo a deslocar-se para outra parte do território sob seu domínio. O controle sobre um dado território mais ou menos extenso permitia o funcionamento dessa sociedade, na qual a terra se constituía no bem maior. Não havia, contudo, propriedade privada da terra. Ela pertencia à comunidade e todas as pessoas do grupo podiam utiliza-la para caça, pesca, coleta e agricultura. Essas eram as atividades econômicas básicas entre os tupinambá.” -
Beatriz Dantas (1991)

ÍNDIOS EM SERGIPE

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
ACUNÃS	Perto de Neópolis
ARAMURUS (ARU-MARUS, ARREMURUZ, URUMARUS)	Baixo São Francisco, Porto da Folha, Serra de Itabaiana (?)
BOIMÉS (BOYMÉS, BOISMÉS)	Japarutuba, Baixo São Francisco, Água Azeda – perto de Aracaju, rio Real
CAACICAS	Japarutuba
CAETÉS	Do São Francisco ao Real
CARAPOTÓS (CARAPOTIOZ, KARAPATÓ)	Pacatuba, Porto da Folha

ÍNDIOS EM SERGIPE

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
CAXAGÓS (CAYAGÓS, CAPAJÓS)	Pacatuba, no Baixo São Francisco
HUAMAYS (UAMÓIS) KIRIRIS (CARIRI, QUIRIRI, CORIRÉ)..	Propriá Aldeia do Geru (Juru), aldeia do Rio Real da Praia, Lagarto, São Francisco, Propriá
MORITSES	Geru
NATUS	Pacatuba e Baixo São Francisco
OROMARAIS	Pacatuba, São Pedro do Porto da Folha
ROMARIS (OMARIS, ROUMARIS, REUMIRIS, ROMANEZ)	Ilha de São Pedro, Ilha do Ouro Propriá, Baixo São Francisco
TAPUIAS	Geru
TUPINAMBÁS (TUPINAMBAZES)	Na costa de Sergipe, do rio São Francisco ao Real. Nos rios Sergipe, Irapiroanga e Real, aldeia de Água Azeda.
TUPINAUÊS (TUPINAS, TUPINAENS)	Entre o São Francisco e o rio Real. Vale do São Francisco até Porto da Folha
URUMAS	Porto da Folha – Serra de Itabaiana (?)
XOCÓS, XOKÓS, SHOCÓS, CHOCÓS, CIOCÓS, CEOCOSSES	São Pedro (Porto da Folha), Pacatuba, Propriá, Neópolis, margens do São Francisco

